



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O USO DAS TICS NO CONTEXTO ESCOLAR: REORGANIZANDO O MODELO EDUCACIONAL VIGENTE

Cinthya Raquel de Moura Sousa¹

*Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Cursando Especialização Informática na
Educação pela Universidade Aberta do Piauí - UAPI: cinthya.raqu3l@gmail.com*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar atuação do professor com o uso das TICs no processo de ensino-aprendizagem. Ele descreve os resultados obtidos através de uma entrevista reflexiva com duas professoras da rede pública de Teresina-PI. A pesquisa foi desenvolvida a partir do que expõe Paulo Freire (1970) acerca da Pedagogia Libertadora, entrelaçando essa proposta pedagógica à tecnologia e a educação, na busca pela construção de uma educação crítica em que os alunos consigam viver e conviver em uma sociedade cada vez mais tecnológica, de tal modo que eles sejam ativos no seu processo de ensino-aprendizagem. A partir dessa pesquisa foi possível concluir que, a tecnologia está sendo integrada à sala de aula, porém há um longo caminho a ser percorrido até a ressignificação da educação à luz das tecnologias educacionais.

Palavras-chave: Professor, Orientador, Tecnologias, Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O termo tecnologia está ligado ao conceito de técnica, palavra que vem do grego *téchne*, e se traduz por “arte” ou “ciência”, e, a técnica é tão antiga quando a humanidade, já a tecnologia é resultado do processo humano, do saber acumulado e transformado que se constituiu por meio de base empírica (ARAUJO, 2015).

A tecnologia passou a ser utilizada no campo da educação, na década de 1940, nos Estados Unidos, em cursos de formação para especialistas militares. Com o desenvolvimento da informática e da computação, os computadores passaram a integrar programas de ensinamentos assistidos e mais tarde, expandiu-se para ensino individualizado. Nos anos de 1980, o homem desenvolveu a microeletrônica, as telecomunicações, máquinas e dispositivos capazes de armazenar, processar grandes informações em um curto tempo. Com esses avanços, alguns sujeitos envolvidos com a educação junto com alguns governos passaram a valorizar o uso das tecnologias por meio da internet, projetores de vídeo, programas educativos etc. (ARAUJO, 2015).

Nessa perspectiva, a tecnologia possibilita a troca de informações de modo instantâneo, isso foi ocasionado por uma revolução tecnológica, que proporcionou novas formas de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

interação com o mundo e com o outro, provocando mudanças significativas. O surgimento das “novas” tecnologias (*notebooks, smartphones, tabletes* etc.) possibilitou a comunicação uma interação que ultrapasse as barreiras geográficas e temporais. Diante desse contexto de avanços tecnológicos, a escola não pode se prender a paradigmas¹ ultrapassados que, resumem-se a quadro, pincel, livros e a transmissão de conteúdos de forma acrítica.

A pedagogia tradicional está no Brasil, desde os jesuítas, e, seu objetivo principal era preparar os alunos apenas para assumir papéis na sociedade, tendo em vista que quem tinha acesso às escolas eram os filhos dos burgueses, por isso, a educação era totalmente centrada no professor, visto como figura incontestável e único detentor do saber. O papel do professor era resumido em: vigiar os alunos, ensinar a matéria de forma densa e conteudista, e corrigir. Já as aulas deveriam ser expositivas, organizada em uma sequência fixa, tendo como principal método a repetição e a memorização de conteúdos – retirado dos livros. E, os alunos eram considerados como uma folha em branco, pronta para imprimir o conhecimento, passivos de sua própria aprendizagem, pois apenas concordavam com tudo sem questionar (QUEIROZ; MOITA, 2007).

Essa tendência ainda está enraizada em nosso modelo de educação. Para Moraes (2016), a escola continua limitando as crianças ao espaço reduzido de suas carteiras ao mesmo tempo que ainda exige memorização, repetição, cópia, e, sempre dando ênfase ao conteúdo, ao resultado, não se preocupando com processo. A autora ainda afirma que, na maioria dos casos, a escola se mostra resistente as mudanças ao seu redor.

As transformações técnicas e científicas estão gerando mudanças sociais de grande importância que constituem novos desafios para o processo de socialização das novas gerações. [...] A integração das TIC aos processos educacionais é uma das transformações necessárias à escola para que esteja mais em sintonia com as demandas geradas pelas mudanças sociais típicas da sociedade contemporânea de economia globalizada e cultura mundializada (BELLONI, 2004, p. 1).

Desse modo, ela precisa se reconfigurar para receber esses novos alunos, pois “os jovens e as crianças incorporam fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas” (BELLONI, 2004, p. 2) porque eles crescem em uma sociedade permeada de recursos tecnológicos, e, por isso são hábeis operadores da tecnologia e a dominam com maior rapidez e desenvoltura, diferente de um indivíduo que cresceu numa época em que a convivência com a tecnologia era muito restrita (ALMEIDA, 2000).

¹ Padrões ou modelos a se seguir. Refere-se a modelo ou padrões que permitem a explicação de certos aspectos da realidade, sendo mais que uma teoria, uma estrutura que gera novas teorias (MORAES, 2016).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O perfil dos “novos” alunos são de pessoas que conseguem se envolver simultaneamente em diversas atividades, além de terem interesse em várias áreas do saber (ARAÚJO, 2010), enquanto a escola preocupa-se apenas em transmitir os conteúdos sem apresentar uma significação deles aos alunos, que passam a absorver sem saber como utilizá-los no dia-a-dia. Ela deveria ser um espaço para problematizar, questionar, dialogar, e, desenvolver as inteligências.

Diante das necessidades e desafios, a educação, nesse caso a escola, precisa quebrar a pedagogia tradicional e autoritária, em que o professor é o centro do ensino, para se reestruturar em uma relação produtiva entre *professor-aluno*, *aluno-aluno* e *aluno-sociedade*. Pois a escola além de um reflexo da sociedade também provoca profundas transformações na mesma.

O problema desta pesquisa, originou-se a partir da observação de como tem ocorrido o uso da tecnologia no ambiente escolar, bem como as dificuldades encontradas pelos professores com o uso das mesmas no processo de ensino-aprendizagem, gerando, assim, curiosidade em esclarecer como ocorre a atuação do professor com as tecnologias. Nesse sentido, o tendo o professor como o sujeito da referida pesquisa, ela tem como problema de pesquisa: Como ocorre a atuação do professor com o uso das TICs no processo de ensino-aprendizagem?

Para discutir tal problema, tem-se como objetivo geral da pesquisa: Investigar atuação do professor com o uso das TICs no processo de ensino-aprendizagem.

1.1 Metodologia

O presente trabalho é natureza qualitativa, pois segundo Minayo (2007), este tipo de pesquisa trabalha com a leitura e interpretação de valores, aspirações, crenças, e atitudes, tendo como resultado as relações que se estabelecem em diversos ambientes. Sendo, dessa forma, viável para responder aos questionamentos propostos, que busca recolher informações dos professores, estes que se utilizam de conhecimentos prévios e experiências para construir suas respostas.

Quanto ao instrumento de coleta de dados utilizado, abordou-se a entrevista reflexiva. Segundo Szymanski (2004, p. 12), a entrevista reflexiva, é fundamental em “uma situação de interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado”. E, esse tipo de entrevista permite uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

troca de informações entre o entrevistador e o entrevistado, em um diálogo assimétrico na busca por coletar dados acerca de determinado assunto.

Posteriormente a coleta de dados, vem a análise dos dados. Utilizou-se da análise de conteúdo, por ela ser um conjunto de técnicas de análise de comunicações, sendo seu principal objetivo, transpassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados, ou seja, “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98).

O processo de análise de conteúdos em si envolve várias etapas, nesse trabalho, as três etapas consistem em: 1) pré-análise; 2) exploração do material e, por último, 3) tratamento dos resultados, ou seja, inferência e interpretação (BARDIN, 2006). Sendo a primeira, uma leitura compreensiva dos depoimentos obtidos, por meio da entrevista reflexiva com os professores, para a apropriação da mesma. A segunda etapa, constituiu-se da apropriação do discurso do entrevistado, pelo entrevistador, este que transformará linguagens cotidianas em linguagem psicológica. E na terceira etapa, as entrevistas foram divididas e analisadas para a elaboração de uma síntese interpretativa, que foi articulada com as fundamentações teóricas, com a problematização levantada e com os objetivos da pesquisa para, por fim, sintetizar todas as unidades em um relatório onde as entrevistas e as fundamentações teóricas se entrelacem na construção do trabalho (SZYMANSKI, 2004).

2 IMIGRANTES DIGITAIS X NATIVOS DIGITAIS

Os jovens, hoje, compõem a primeira geração imersa quase que totalmente na tecnologia, isso é perceptível na forma como eles interagem com o mundo. A tecnologia tornou-se um elemento integrante da identidade. Namoros que começam e terminam pelo *WhatsApp*, detalhes da intimidade expostos no *Facebook* (este sendo como um diário virtual), entre outros; eles baixam música, filmes, séries e muito mais, criam e trocam experiências com o outro e com ele mesmo através das inúmeras janelas que se abrem, muitas vezes em um ambiente virtual. Esses jovens, que nasceram com a tecnologia e falam fluentemente suas linguagens, são conhecidos como nativos digitais.

A ideia de Nativos Digitais chegou através do artigo “*Digital Natives, Digital Immigrants*”, do designer de videogames e escritor norte-americano Marc Prensky. Ele descreve o que são nativos digitais e o que são imigrantes digitais.

O autor do artigo descreveu os nativos digitais como os jovens que “entendem” e “falam” a linguagem digital desde o nascimento, por



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

isso, “estão acostumados a obter informações de forma rápida e costumam recorrer primeiramente a fontes digitais e à Web antes de procurarem em livros ou na mídia impressa” (PESCADOR, 2010, p. 2).

Os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Aconteceu uma grande descontinuidade. Alguém pode até chamá-la de apenas uma “singularidade” – um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta. Esta então chamada de “singularidade” é a chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX (PRENSKY, 2001, p. 1).

Esses alunos “singulares” são “jovens” que passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, telefones celulares, e muitos outros “brinquedos” e ferramentas da era digital, de tal forma que essas tecnologias viraram partes integrais de suas vidas, e, influenciaram seu modo de pensar e processar as informações, bem desvinculado das gerações anteriores (PRENSKY, 2001, p. 1).

Quanto aos imigrantes digitais, eles “[...] aprenderam a lidar com ela, mas ainda conservam restrições” (COUTINHO; FARBIARZ, 2010).

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo (PRENSKY, 2001, p.2).

Lemos (2009, p. 39) aborda os nativos digitais como pessoas que vivem imersas “em diferentes comunidades de aprendizagens, abrindo várias janelas ao mesmo tempo” e para Coelho (2012) esses jovens se desenvolveram em uma época de grandes transformações tecnológicas e, por isso internalizaram habilidades no uso e manuseamentos desses “novos” meios de comunicação tecnológica.

Os Imigrantes Digitais são membros das gerações mais antigas, são os que conseguiram aprender a usar as tecnologias digitais, uns mais, outros menos. O fazem como os imigrantes, se adaptam ao novo ambiente, mas sem deixar de ter o seu sotaque, isto é, o seu pé no passado. [...] Já os Nativos Digitais são da Geração Y, nasceram com a tecnologia, tem-na no sangue. [...] Eles pensam e processam informação fundamental e diferentemente de seus antecessores (RIBEIRO, 2008, p. 1)².

² Página da internet.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A divisão entre imigrantes e nativos digitais não está necessariamente relacionada à idade, mas por seu contato com as “novas tecnologias” (COUTINHO; FARBIARZ, 2010). Os professores, em sua grande maioria, por serem imigrantes digitais precisam “redimensionar suas práticas, levando em conta as características do nativo” (PESCADOR, 2010, p. 9), pois esses são acostumados a aprender rápido através de inúmeras conexões, além de processar rapidamente as informações.

Diante disso, surge uma necessidade de reorganizar a forma de ensinar. É preciso promover um ambiente que “o professor assuma o papel de criar um contexto no qual os alunos possam produzir seu próprio material por meio de um ativo processo de descoberta” (LEMONS, 2009, p. 41), pois apenas expor o conteúdo não é mais suficiente nessa “nova geração” que pensa *hipertextualmente*, é preciso uma educação com estímulo e reflexão (COUTINHO; FARBIARZ, 2010).

Nesse novo contexto educacional, o educador precisa considerar a realidade do aluno bem como desfazer a passividade dele, é preciso propor discussões, questionamentos e reflexões. É preciso “quebrar” a pedagogia tradicional e autoritária para em seguida, reorganizar seu modelo, produzindo uma relação harmônica entre professor-aluno-tecnologia.

Sobre isso, Freire (1970) propõe a Educação Libertadora, que consiste em um processo de ensino-aprendizagem por meio do diálogo e da troca de experiências entre os alunos e os professores, dessa forma ambos crescem juntos, e, se tornam sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, retorna-se a pergunta que norteia este trabalho: Como ocorre a atuação do professor com uso TICs no processo de ensino-aprendizagem com alunos do Ensino Fundamental? A discussão sobre esta indagação será analisada nos tópicos seguintes.

3 EDUCAÇÃO LIBERTADORA E AS TICs: REORGANIZANDO O MODELO EDUCACIONAL

A Pedagogia Libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, defende autogestão pedagógica e o antiautoritarismo. Ela ultrapassa os limites da pedagogia, entrando também no campo da economia, da política e das ciências sociais. Isso acontece porque a escola libertadora, vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido. Segundo Paulo Freire, a educação é uma prática política tanto quanto qualquer prática política é pedagógica. Para o autor, não há educação neutra, pois, toda educação é um ato político.

Nesse contexto, os professores como educadores



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessitam construir conhecimentos com seus alunos, tendo como horizonte um projeto político de sociedade (SILVEIRA, 2002).

A escola está intimamente ligada ao processo social, pois ao mesmo tempo é agente influenciador e influenciado por ele (SANTOS, 2005). Aprender, como afirma Libâneo, é um ato de conhecimento da realidade concreta, desta forma, a situação real vivida pelo aluno só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica da realidade a qual ele vive (SILVEIRA, 2002).

Partindo da ideia que, as novas tecnologias apontam para uma mudança do tradicional papel do professor na educação, ele que deixar de ser um mero transmissor de informações e passa a ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem. Procurou-se descobrir as formas de utilização dos recursos tecnológicos pelos professores.

Dependendo da temática trabalhada, eu uso *o data show* através de filme, eu também preparo slides, pequenos vídeos... Eu uso do material concreto, como o material dourado, que é sim um recurso tecnológico. Por que não? (Professora A).

Eu não costumo usar muito... Eu prefiro ficar sem usar a tecnologia porque eu não conheço totalmente os recursos da escola... Eu uso pouco o DVD para vídeos educativos e atividade lúdica (Professora B).

Há muitas formas de assimilar o termo tecnologia. Chaves (1999), define a tecnologia como tudo aquilo que o ser humano inventou, seja artefatos ou métodos e técnicas para estender a sua capacidade física, sensorial, motora ou mental (SILVEIRA, 2002). Nesse sentido, as tecnologias citadas pelas professoras são válidas, pois constituem artefatos, e, são relevantes para a educação ao ampliarem os poderes sensoriais dos alunos em sua aprendizagem. Porém ao se discutir, hoje em dia, sobre os recursos tecnológicos na educação, normalmente, refere-se ao uso do computador e todas as tecnologias mais recentes (Internet, tablete, smartphone etc.). À vista disso, tais tecnologias precisam ser incorporadas ao cotidiano escolar, proporcionando uma nova maneira de ensino-aprendizagem (TIMBOÍBA *et al*, 2011).

Percebe-se, com as respostas, que enquanto a tecnologia é quase nula para uma das professoras, a outra tenta inclui-la da melhor forma possível. De acordo com Moran (2000), a tecnologia não é a peça principal para solucionar os problemas da educação, para ele, professores e alunos devem caminhar em uma única direção, na busca de um único objetivo, a aprendizagem.



Tomando como base o que expõe Moran (2000), a inserção das tecnologias na educação é extremamente relevante com a finalidade de romper com paradigmas impostos pela educação tradicionalista, contribuindo igualmente para a criação de novas propostas metodológicas e, também, para o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem. Observa-se, com a fala das professoras, um engessamento no uso dos recursos tecnológicos, principalmente pela professora B, que afirma não utilizar os recursos tecnológicos fornecidos pela escola. Segundo a abordagem de Masetto (2009), a tecnologia adentrará a sala de aula, apenas quando estiver entranhada no ser do educador, para isso, “[...] é preciso saber filtrar as informações bem como ter muita ousadia, criatividade, paciência e dedicação, pois mudar hábitos e conceitos preestabelecidos não é tarefa fácil” (TIMBOÍBA *et al*, 2011, p. 7).

Dessa maneira, verifica-se certa necessidade de mudanças no fazer educativo do docente, frente ao uso das tecnologias educacionais, pois entre as principais tecnologias educacionais, atualmente, pode-se citar: TV, DVD, aparelho de som, retroprojetor, projetor de multimídias, computador e *softwares*, Tablete, lousa digital e Internet. E, o uso destas tecnologias (apenas uma em específico ou de forma combinada) é uma alternativa a ser definida pelo educador, tendo em vista que elas devem atender à demanda da educação e contribuir para formação de alunos criativos e qualificados que, também, conseguem se adaptar à evolução da tecnologia (SILVEIRA, 2002).

Tomando como base a resposta da professora A acerca de quais recursos tecnológicos educacionais ela utilizava, questionou se tais recursos, no ponto de vista dela, seriam um empecilho ou auxílio para o professor.

Um auxílio porque se o professor não correr para acompanhar o que tem de tecnologias, ele vai ficar defasado muito rápido porque quadro, caderno e pincel não segura mais a atenção. A gente tem como concorrência a televisão, o *Facebook*, o *Twitter*, e o *Whatsapp*. Tudo concorre com o professor... Então, o professor que não se atualiza, que não se coloca para aprender a utilizar esses recursos, ele é um professor defasado (Professora A).

Tal argumentação, implica afirmar um ponto final no papel tradicional do professor, pois para não se tornar “defasado” como a professora acima diz, a educação passa a exigir um educador comprometido tanto com o seu sucesso quanto com o sucesso de seus alunos, e, ele deve passar a considerar as diferenças culturais, sociais e pessoais existentes em sala de aula (SILVEIRA, 2002), bem como procurar outros caminhos para não ficar obsoleto como ocorre com aparelhos tecnológicos.



De acordo com as exigências educacionais do século XXI, para uma educação ser libertadora e ao mesmo tempo estar entrelaçada com as tecnologias educacionais, é fundamental uma proposta educacional aberta e flexível, que atenda as transformações sociais/políticas da sociedade, excluindo o individualismo e a indiferença, em que educadores, educandos e tecnologias educacionais caminhem juntos e de mãos dadas, de tal forma que, a educação forme cidadãos críticos, ativos, e, sobretudo, capazes de usar seu talento e inteligência, a favor da sociedade a qual se insere (TIMBOÍBA *et al*, 2011).

Muito se discute sobre o papel do professor e o uso das tecnologias educacionais, tendo em vista que alguns defendem que, ao usar a tecnologia em sala de aula, o professor perde seu papel no processo de ensino-aprendizagem. Acerca dessa afirmação, a professora B, expôs:

Eu acredito que sim porque fica uma coisa mecânica. Não fica uma coisa espontânea, por isso eu digo, tem que ser as duas coisas integradas... Você não pode deixar só por conta da tecnologia... (Professora B).

Em relação ao professor em frente às tecnologias educacionais, Valente (1999) ressalta duas possibilidades para se fazer uso das tecnologias educacionais. 1) o professor deve fazer uso delas para instruir os alunos; e 2) o professor deve criar condições para que os alunos descrevam seus pensamentos, através de novas linguagens, ou seja, o educando é desafiado a transformar as informações adquiridas em sala de aula em conhecimentos práticos para a vida (*apud* RAMOS, 2014). Indo em direção contrária ao exposto pela professora B, as novas tecnologias não fazem o professor perder seu papel no processo, na verdade, ocorre uma reorganização deste. Jucá (2016) afirma que, as tecnologias educacionais não dispensam a figura do professor, ao contrário, acabam por adicionar algo em seu perfil devido as novas exigências. E, para Nunes (2009), o professor necessita de uma reconfiguração em seu papel, na busca por uma educação inovadora. Deste modo, o professor se transforma em um agente orientador.

Partindo para as dificuldades que as entrevistadas encontram com o uso da tecnologia, a professora A ressalta o sucateamento do laboratório, que se encontra sempre fechado ou em manutenção além da escola não abrir espaço para que os professores deixem a sala de aula para uma formação continuada ou cursos adequados para o uso das tecnologias educacionais. Isso evidencia uma barreira para a inserção da tecnologia em sala de aula. Em linha similar, a professora B, em sua fala, diz que a escola não dispõe de nenhum curso e que chegou a fazer um curso básico de informática, mas este não supriu sua necessidade para a sala de aula, por isso, acaba por não utilizar e nem pesquisar os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

recursos oferecidos pela escola. Com tal fala, infere-se que, a escola e, também, o professor resistem as mudanças e como consequência, trazem atrasos significativos à educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio para inserir as tecnologias educacionais na educação está em “[...] transformar a escola em um espaço de aprender a aprender” (TIMBOÍBA *et al*, 2011, p. 9-10). Porque apesar das tecnologias educacionais auxiliarem no processo de ensino-aprendizagem, todavia, elas sozinhas não garantem a aprendizagem. Coscarelli (2006, p. 46), postula que “não basta trocar de suporte sem trocar nossas práticas educativas, pois estaremos apenas apresentando uma fachada de modernidade, remodelando o ‘velho’ em novos artefatos”.

Conclui-se que, a atuação dos professores com o uso das TICs ainda é um “campo minado” por causa das dificuldades que os docentes encontram, sejam barreiras impostas por eles ou pela própria instituição escolar, sendo uma das principais dificuldades, a resistência; mas também ficou evidente, que mesmo de forma “contida”, a tecnologia está sendo integrada à sala de aula, porém há um longo caminho a ser percorrido até a ressignificação da educação à luz das tecnologias educacionais. E, para uma reconfiguração da educação, o professor deve ser um facilitador/incentivador/orientador, isto é, uma ponte entre o aluno e sua aprendizagem.

Portanto, para promover uma educação libertadora enlaçada com as tecnologias educacionais, torna-se fundamental reconhecer as tecnologias como instrumentos de imenso potencial educativo que precisam ser explorados da forma mais proveitosa possível, por meio de uma proposta educativa que propicie possibilidades para o educando na construção do seu próprio conhecimento e aprendizado e, também, prepará-lo para viver e conviver nessa sociedade cada vez mais tecnológica (TIMBOÍBA *et al*, 2011).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e formação de professores**. Vol. 2. Brasília: MEC, 2000. p. 107-126.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ARAUJO, Francisco Antonio Machado. **Educação.com tecnologia: conectando a dimensão subjetiva do trabalho docente mediado pelas TIC's**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2015.

ARAÚJO, Verônica Danieli de Lima. O impacto das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem. In: **3º Simpósio Hipertextos e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem**, 2010, Recife, 02 e 03 de dezembro de 2010. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Veronica-Danieli-Araujo.pdf>> Acessado em: 18/abril/15.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70 ed. Lisboa: L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads., 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações**, 2004. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_54_29_OS_JOVENS_E_A_INTERNET.pdf> Acesso em: 28/abril/2015.

CARNIELLO, Luciana Barbosa Cândido; RODRIGUES, Bárbara Mônica Alcântara Gratão; MORAES, Moema Gomes. A relação entre os nativos digitais, jogos eletrônicos e aprendizagem. In.: **3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem**, 2010, Recife, 02 e 03 de dezembro de 2010.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

COUTINHO, Mariana de Souza; FARBIARZ, Alexandre. Redes sociais e educação: uma visão sobre os nativos e imigrantes digitais e o uso de sites colaborativos em processos pedagógicos. In.: **3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem**, 2010, Recife, 02 e 03 de dezembro de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

JUCÁ, Sandro César Silveira. **A relevância dos softwares educativos na educação profissional**, 2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v08/cec_vol_8_m32689.pdf>. Acessado em: 20/julho/2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 25 ed. Revista e atualizada. – Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. 2016. Disponível em: <http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf>. Acessado em: 02/junho/2016.

MORAN, José Manuel *et al.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2000.

NUNES, Milena de Jesus. **O professor e as novas tecnologias: pontuando dificuldades e apontando contribuições**, 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-MILENA-DE-JESUS-NUNES.pdf>>. Acessado em: 20/julho/2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, v. 9, n. 5, outubro/2001.

QUEIROZ, Cecília T. A. Pontes de; MOITA, Filomena M. G. da Silva Cordeiro. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

RAMOS, Patrícia Edí. **O professor frente às novas tecnologias de informação e comunicação. 2014**. Disponível em:
<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-professor-frente-%C3%A0s-novas-tecnologias-de-informa%C3%A7%C3%A3o-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.aspx>. Acessado em: 20/julho/2016.

RIBEIRO, Antonio Mendes. **Nativos versus Imigrantes Digitais**. 2008. Disponível em:
<http://www.redepeabirus.com.br/redes/form/post?topico_id=14139>. Acessado em: 30/abril/2015.

SILVEIRA, Cássia Aparecida Soares. **Concepções do papel de professor frente às novas tecnologias: um estudo de caso na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro – Montes Claros – MG**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SZYMANSKI, Heloíse (Org.). **A entrevista a Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TIMBOÍBA, Chris Aparecida Nascimento *et al.* A inserção das TICs no Ensino Fundamental: limites e possibilidades. **Revista Científica de Educação a Distância**. v. 2, n. 4, julho 2011.